

HUB supera dificuldades

César Henrique Arrais
Da equipe do **Correio**

O Hospital Universitário da UnB, o HUB, não é o melhor exemplo da grave crise que assola as 45 instituições do país. A dívida, cerca de R\$ 3 milhões, vem sendo controlada há cinco anos. Nem diminui nem sobe muito. A direção do hospital não adotou nenhuma medida drástica, como a de cancelar leitos ou demitir os prestadores de serviço, que representam quase 50% dos funcionários.

Nas suas dependências, não se vêem goteiras em salas de cirurgias, nem fiação elétrica expostas, tampouco partes do teto caindo. Mas a situação está longe de ser considerada ideal. O problema que tem tirado o sossego do diretor do HUB, o ginecologista Cláudio Bernardo de Freitas, são as finanças do hospital. "Tenho que administrar com a lógica de hospital privado, apesar de ser uma instituição pública. Nada aqui pode ser feito sem antes sabermos como a despesa será paga", conta.

Até 1990, o HUB era um hospital ligado ao Ministério da Saúde e bancado com o orçamento do Tesouro Nacional. Durante o governo Collor de Mello, foi transferido para a UnB. Desde então, parou de ser um hospital que trabalha com orçamento. Todas as previsões de despesas são feitas com base na estimativa de atendimentos, que, posteriormente, são arcados pelo SUS.

Sem um orçamento, fica mais difícil fazer investimentos no hospital, sobretudo por conta da necessidade de se contratar prestadores de serviço, os terceirizados. São 850 que consomem 40% do dinheiro repassado pelo SUS. Ainda existem no HUB 481 servidores pagos pelo Ministério da Saúde. Quando pedem demissão ou se aposentam, o hospital não pode substituí-los. Também há 433 servidores do MEC. A abertura de concursos públicos ficou proibida por um período de oito anos.

PREJUÍZO

O HUB também tem problemas com a compra de medicamentos. Como a instituição só recebe o dinheiro do SUS após a realização dos procedimentos, nunca os remédios podem ser comprados à vista. Por isso, fica difícil o hospital negociar preços com descontos.

A dívida de R\$ 3,15 milhões com fornecedores poderá ser amenizada caso a emenda que prevê o repasse de R\$ 11,5 milhões aos HUs seja liberada.

Mas apenas R\$ 300 mil virão para o HUB. "É pouco, mas são bem-vindos", diz o diretor do hospital.

O fato de ser público ainda traz um problema adicional ao HUB: as liminares concedidas pela Justiça obrigando o hospital a pagar remédios não previstos na tabela do SUS. A maioria das ações obriga a distribuição de medicamentos para tratamento do câncer, como o Taxotere, usado no combate em tumores do intestino. Para esse tipo de procedimento, o SUS paga só R\$ 213. O Taxotere custa R\$ 2.300.

SE VIRANDO

O HUB recebe do SUS R\$ 1,4 milhão mensais. Se dependesse só desse dinheiro, o hospital estaria em situação muito pior. Reforços de caixa são conseguidos anualmente por emendas coletivas da bancada do Distrito Federal na Câmara dos Deputados e por dinheiro extra repassado pelo MEC. Com a verba adicional, o hospital tem se modernizado. Com isso, o diretor Cláudio Bernardo espera aumentar o atendimento e negociar mais recursos junto ao SUS.

Com o dinheiro do MEC, cerca de 840 novas máquinas já foram instaladas no hospital. Na última semana, foi inaugurada uma ala moderna de odontologia com 40 consultórios completos. Outro equipamento de ponta que chegou recentemente ao HUB foi o litotripisor, que, por meio de ondas de ultrassom, consegue destruir pedras nos rins dos doentes sem

que seja necessário se fazer uma cirurgia.

Mas a área estrutural do HUB ainda deixa muito a desejar. Os transformadores do hospital trabalham no limite. "Os técnicos já me alertaram que não podemos ampliar o uso de energia porque os transformadores não comportam", diz o diretor.

A lavanderia também vai de mal a pior. As máquinas são as mesmas desde a inauguração do hospital, em 1972. Além de terem que trabalhar em excesso para dar conta da demanda, elas vazam água e são extremamente ruidosas. De tão antigas, somente um único técnico em todo o DF tem *know how* para consertá-las.

O setor em estado mais precário no HUB é, sem dúvida, a cozinha. Os cinco panelões de pressão estão quebrados. Ano passado, um deles explodiu, ferindo gravemente um funcionário. "Nossa sorte é que já estamos dentro do hospital", ironiza Raimunda Cardoso, diretora da cozinha, que serve três mil refeições diárias.

Nehil Hamilton 14.11.02



ALÉM DOS TRANSFORMADORES E DA LAVANDEIRA, A COZINHA DO HOSPITAL, COM CINCO PANELÕES DE PRESSÃO QUEBRADOS, TAMBÉM PRECISA DE REFORMA

MAIOR DESPESA

**1,4
MILHÃO**

*é quanto o Hospital
Universitário recebe do
Sistema Único de
Saúde (SUS), por mês.
Mas 40% do dinheiro é
gasto com o pagamento
de servidores
terceirizados*